

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

MISMA TURI RONDON

**ALFABETIZAÇÃO DO POVO *TERENA* DE MATO GROSSO DA
*ALDEIA KOPENOTY***

**Barra do Bugres
2016**

MISMA TURI RONDON

**ALFABETIZAÇÃO DO POVO *TERENA* DE MATO GROSSO DA
ALDEIA *KOPENOTY***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de Graduada em Licenciatura
em Pedagogia Intercultural.

Orientador: Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues
Fernandes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

R771a RONDON, Misma Turi.

Alfabetização do Povo Terena de Mato Grosso da Aldeia Kopenoty / Misma Turi Rondon. – Barra do Bugres, 2016. 35 f. ; 30 cm. (ilustrações)
Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes.

1. Povo *Terena*. 2. Alfabetização. 3. Língua Indígena. 4. Cultura Tradicional. I. Fernandes, D. R., Ma. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

MISMA TURI RONDON

**ALFABETIZAÇÃO DO POVO *TERENA* DE MATO GROSSO DA ALDEIA
*KOPENOTY***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 15 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Dulcilene Rodrigues Fernandes
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Avaliadora

Prof. Dr. Neodir Paulo Travessini
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos Terena que moram no Norte de Mato Grosso, nas aldeias *Kopenoty*, *Turipuku*, *Inamaty Poké'e* e *Kuxunety*, que lutam com força e resistência para que os alunos das comunidades tenham uma formação de qualidade na perspectiva de uma educação indígena específica e diferenciada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela infinita bondade, força e sabedoria.

Agradeço ao meu esposo, e a amigo de sala de aula, Rosenildo Pereira, pois juntos caminhamos em direção ao sonho a ser concretizado, e em especial, aos meus queridos filhos, Juninho e Maria Eduarda, e minha querida Netinha Indianara.

Aos anciãos da comunidade, pelo apoio, e as “Babás”, que ajudaram a cuidar da minha princesinha, Mariazinha, na jornada do estudo, a qual também considero uma guerreira, pois nos momentos dos estudos, lá estava ela também com algum papel e lápis na mão rabiscando ou brincando.

Aos meus irmãos e professores da Escola da Aldeia *Kopenoty*, Mateus Alcantâra, Messia Turi Rondon, Micael Turi Rondon e minha querida irmã Miria Turi Rondon, que sempre nos momentos difíceis e de dificuldades torceram pelo meu sucesso.

Aos meus queridos professores, que durante os estudos me fizeram aprofundar e conhecer teorias para meu conhecimento e do desenvolvimento das práticas pedagógicas. Em especial, a minha querida orientadora Dulcilene Rodrigues Fernandes

Aos meus amigos de sala e professores: Maria Helena, Mônica, Wellington, Adailton.

Para encerrar, especialmente, aqueles que permitiram o início de tudo: minha querida mãe Brasiliana Clementino, pela possibilidade de compartilhar a vida, grandes momentos e ensinamentos de garra e determinação, e ao meu querido pai Milton Jorge Turi Rondon que considero grande líder *Terena* que lutou em prol da Terra Indígena *Iri* Novo, localizada no Norte de Mato Grosso.

RESUMO

Esse trabalho vai tratar da alfabetização dos *Terena* que moram no Norte do Estado de Mato Grosso, nas aldeias *Kopenoty*, *Turipuku*, *Inamaty Poke'e* e *Kuxunety*, cujo povo luta e resiste para que os alunos das comunidades tenham uma formação de qualidade na perspectiva de uma educação indígena específica e diferenciada. O povo indígena envolvido neste processo de alfabetização são os *Terena* de Mato Grosso, mais especificamente os da aldeia *Kopenoty*, localizada à margem da MT-322, na região Norte, no município de Peixoto de Azevedo, no Estado de Mato Grosso. A população geral na aldeia *Kopenoty*, local da pesquisa, é de aproximadamente 130 pessoas, que lutam para manter viva a identidade do povo bem como seus aspectos culturais. Em função de seu processo histórico, houve interferência muito grande na língua materna, sendo que atualmente há poucos falantes da língua *Terena*, mas a escola vem adotando metodologias junto à comunidade para que esse problema possa ser amenizado. Assim, este trabalho objetiva apresentar como é feito o trabalho com a alfabetização entre o povo *Terena* de Mato Grosso da Aldeia *Kopenoty*, buscando entender a realidade sociocultural da aldeia, cuja comunidade tenta se reorganizar em sua educação tradicional na perspectiva de uma alfabetização de qualidade para as futuras gerações e para que a cultura não venha ser esquecida. Foi investigado o ensinar e o aprender no contexto cultural indígena, favorecendo o entendimento do complexo processo educativo pelo qual a criança *Terena* passa e as relações entre a educação indígena e alfabetização.

Palavras chaves: Povo *Terena*. Alfabetização. Língua indígena. Cultura tradicional.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FUNAI	Fundação Nacional do Índio
RCNEI	Referencial Curricular Nacional da Educação Escolar Indígena
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNEMAT	Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Destaque da área Terena de Mato Grosso do Sul, de onde saiu um grupo e temporariamente permaneceu em Rondonópolis-MT.....	15
Figura 2 –	Dança feminina Sîputrema ou Putu-putu	22
Figura 3 –	Dança masculina, kipaé.....	22
Figura 4 –	Pajés Terena em cerimônia cultural	24
Figura 5 –	Menina Terena em momento de aprendizagem em atividades do dia a dia.	25
Figura 6 –	Criança Terena aprendendo com a atividade de pesca.....	26
Figura 7 –	Menino Terena vestido e pintado para atividade cultural	27
Figura 8 –	Dança masculina	28
Figura 9 –	Professora fazendo a pintura feminina como atividade escolar	30
Figura 10 –	Cantinho da leitura	31
Figura 11 –	Atividade de Ciências mostrando a estrutura da árvore.....	32
Figura 12 –	Alunos da Escola em atividade lúdica na escola.....	33

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I - O POVO <i>TERENA</i> E A SUAS HISTÓRIAS	14
1.1 Mito de origem do povo <i>Terena</i>	14
1.2 A história de migração do povo <i>Terena</i>	15
1.3 A migração.....	17
1.4 Localização da terra indígena em Mato Grosso e população em geral.....	19
1.5 Língua <i>Terena</i>	20
1.6 Modo de sobrevivência	20
1.7 Práticas tradicionais	21
1.7.1 <i>Sîputrema</i> ou <i>Putu-putu</i>	21
1.7.2 Dança <i>Kipaé</i>	23
1.7.3 Rituais espirituais.....	23
CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO TRADICIONAL <i>TERENA</i>.....	25
CAPÍTULO III - OS <i>TERENA</i> DE MATO GROSSO E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	29
3.1 Um pouco da história	29
3.2 O processo de alfabetização na atualidade.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFÊRENCIAS	35

APRESENTAÇÃO

O povo indígena envolvido neste processo de pesquisa é da etnia *Terena* de Mato Grosso, que tem suas terras localizadas à margem da MT 322, na região Norte do município de Peixoto de Azevedo, no Estado de Mato Grosso.

A população geral na aldeia *Kopenoty* é de aproximadamente 130 pessoas. Este povo tem como característica principal a luta para manter viva a identidade do povo e seus aspectos culturais como os costumes e danças. Houve uma interferência muito grande na língua materna, havendo, nos dias atuais, poucos falantes da língua materna, mas a escola adota metodologias em conjunto com a comunidade para que esse problema possa ser amenizado.

Antes de discorrer sobre a pesquisa desenvolvida, considero propício falar um pouco de minha trajetória de vida.

Sou filha de Brasiliana Clementino e Milton Jorge Turi Rondon e somos em cinco irmãos. Minha mãe é descendente da etnia *Terena*, meu pai é mestiço, sendo seus pais *Tapirapé* e *Terena*. Nascida na aldeia Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, em Mato Grosso do Sul, a minha infância foi fora da aldeia, pois os meus pais migraram quando pequena para o Município de Rondonópolis em Mato Grosso em busca de um pedaço de terra para morar. Nesta cidade vivi uma realidade totalmente diferente da aldeia onde morávamos, ficando as práticas tradicionais terena no esquecimento. Aos sete anos, por conta do destino, os meus pais vieram a se separar, ficando os meus irmãos e eu sozinhos aos cuidados de minha mãe. Cresci e comecei a frequentar a escola num contexto cultural diferente da que estava acostumada, mas, sempre em primeiro plano, a minha querida mãe incentivava a mim e aos meus irmãos para o estudo.

Na fase adulta, morando em Rondonópolis, a determinação e o gosto pelos estudos valeram a pena. No ano de 2003, o líder do Grupo, meu pai Milton e outros *Terena*, conseguiram um espaço de Terra para o povo morar, com o objetivo de trabalhar com as crianças, e assim, um ano depois, foi criada a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, já em espaço do norte de Mato Grosso, onde atualmente é a aldeia *Kopenoty*.

Durante alguns anos que fiquei morando na comunidade, surgiu a oportunidade de lecionar para as crianças do 2ª ciclo, em 2008, dando então início a carreira de professora. Portanto, desde o ano de 2008, ministrei aulas na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena da aldeia *Kopenoty*.

Como não tinha a formação acadêmica e experiências pedagógicas, no decorrer dos anos senti que estas condições me fizeram falta. Posteriormente, comecei o curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural, na UNEMAT de Barra do Bugres. Durante a minha formação

acadêmica o conhecimento de teorias e desenvolvimento das práticas pedagógicas foram ferramentas de auxílio na carreira docente. Posso afirmar que o curso de Pedagogia contribuiu para a minha formação e com a aprendizagem dos alunos da comunidade.

Atualmente, sou professora na Escola Estadual Indígena Terena *Komomoya Koe'ro*; ministro aulas na sala anexa, na aldeia *Kororoti*, do povo *Kayapó*, para as turmas do 1º ano de ensino Médio. No entanto, é a alfabetização que me desperta muita curiosidade e interesse por saber como a criança aprende e quais os caminhos para que esta aprendizagem aconteça.

E assim, tenho como tema de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, alguns aspectos do processo de alfabetização do meu povo, mais especificamente, tenho como objetivo apresentar como é feito o trabalho com a alfabetização entre o povo *Terena* de Mato Grosso. Neste aspecto, busco entender a realidade sociocultural da aldeia *Kopenoty*, cuja comunidade indígena tenta se reorganizar em sua educação tradicional na perspectiva de uma alfabetização de qualidade para as futuras gerações e para que a nossa cultura não seja esquecida.

Neste trabalho investiguei o ensinar e o aprender no contexto cultural indígena da aldeia *Kopenoty*, procurando o entendimento do complexo processo educativo pelo qual a criança *Terena* passa e as relações entre a educação indígena e alfabetização.

Para este trabalho busquei informações junto aos Professores Micael Turi Rondon, formado na área da Linguagem, Arte e Literatura, professora Rosalina Reginaldo, cursando Magistério e é Professora de Alfabetização, o coordenador Joilson Torres Leite, formado em Geografia, sendo todos da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena. Também busquei informações com três anciãos, sábios da comunidade. Os anciãos são: Brasiliana Clementino, Catarina Jorge e Isaura Alcântara. Ainda fiz algumas imagens que apresentarei no decorrer do trabalho.

Este TCC está organizado da seguinte forma: inicia com uma “Apresentação”, onde falo de todo o processo do trabalho de pesquisa, apresentando um breve histórico da minha vida e também esclareço sobre os objetivos e a metodologia do trabalho.

No Capítulo I vai ser apresentado o mito de origem, e em seguida, traz informações sobre a localização, língua, modo de sobrevivência (como era antes e atualmente), aspectos culturais dos *Terena* que moram no estado de Mato Grosso. O Capítulo II traz informações sobre o povo *Terena* com suas respectivas histórias de mudança e migração para a região Norte de Mato Grosso.

Já o Capítulo III trata da educação tradicional do povo *Terena*, destacando o que é ensinado às crianças e o seu processo de formação.

Mais especificamente, o Capítulo IV apresenta os resultados da pesquisa, de forma a

explicar sobre as práticas de alfabetização que a professora utiliza em sua prática pedagógica na rotina da nossa Escola Estadual Indígena. Por fim, apresento minhas conclusões e considerações finais.

CAPÍTULO I - O POVO *TERENA* E A SUAS HISTÓRIAS

Neste capítulo me dedico a fazer uma apresentação de aspectos importantes do povo *Terena*. Assim, apresento inicialmente o nosso Mito de Origem, conhecimento ancestral narrado pela anciã Catarina Borges; Neste Capítulo também descrevo sobre o processo de migração, alguns aspectos da cultura tradicional deste povo, como localização, língua e manifestações culturais.

1.1 Mito de origem do povo *Terena*

Segundo narra a anciã *Terena* Catarina Borges, a muitos anos havia um homem chamado de Oreka Yuvakai. Esse homem ninguém conhecia e nem sabia de sua origem, pois não tinha pai e nem mãe, era um homem desconhecido que andava pelas matas e pelo mundo a fora.

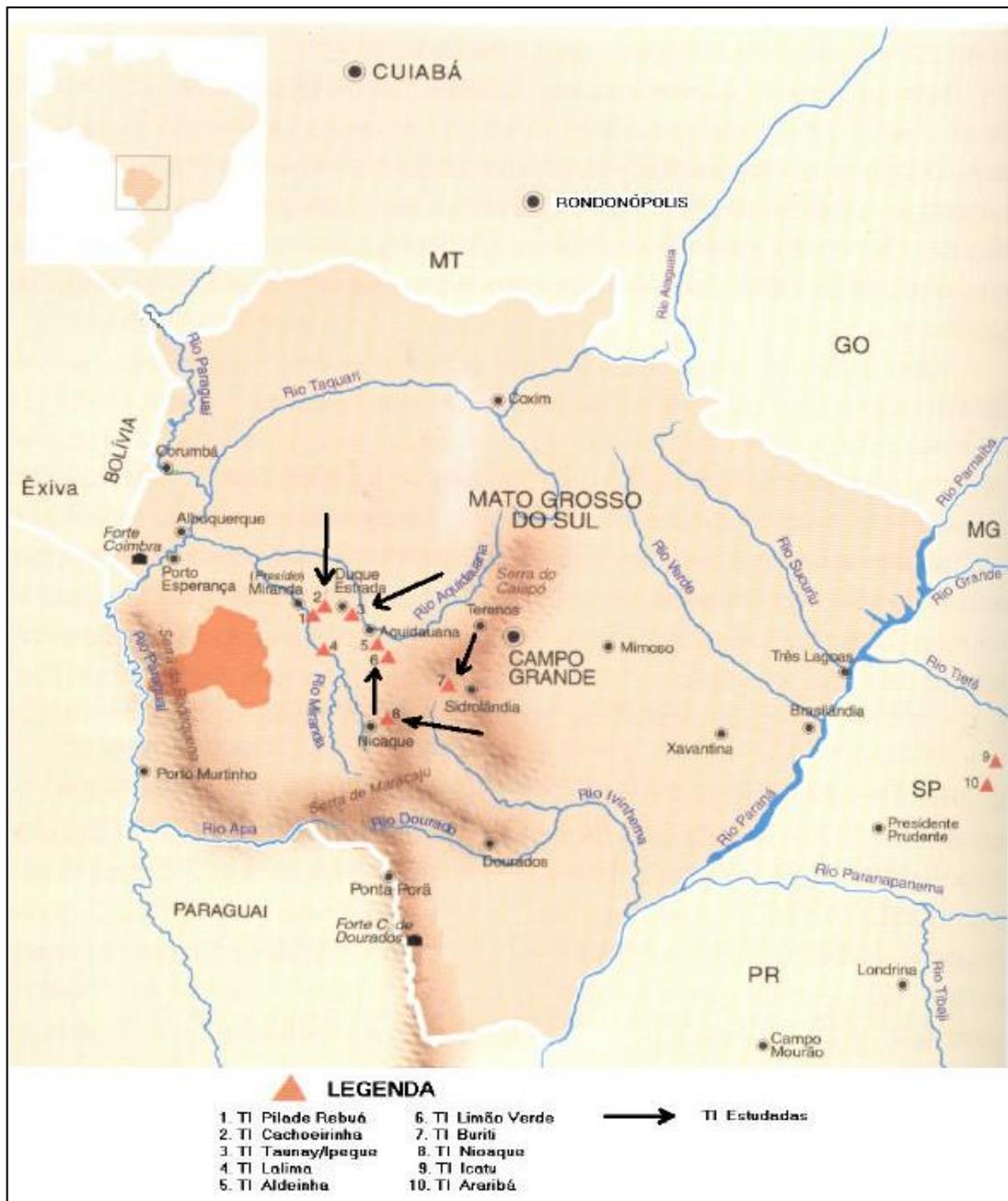
Certa vez, ele andando pelo mato, ouviu um grito de um passarinho, o bem-te-vi, e ele foi rapidamente para ver o que o passarinho estava vendo no chão. Oreka Yuvakai, por curiosidade, foi chegando bem perto para ver e era um feixe de capim. Ao se aproximar, viu embaixo do feixe de capim um buraco e nele havia uma multidão, eram os *Terena*. Os *Terena* não se comunicavam e ficaram trêmulos ao ver o Oreka Yuvakai, que com medo e surpreso pegou as pessoas em suas mãos e as tirou todo do buraco.

Oreka Yuvakai, preocupado e ansioso, queria comunicar com eles de qualquer jeito. Imediatamente ele teve a ideia de chamar todos os animais para tentar conversar com os *Terena*, que até então não havia se comunicado, sendo que todas as tentativas foram fracassadas. Mas o sapo, com sua esperteza, fez uma apresentação na frente da multidão e finalmente o sapo teve sucesso, pois os *Terena* deram gargalhadas do sapo. A partir de então eles começaram a se comunicar e falaram para Oreka Yuvakai que estavam com fome.

Oreka Yuvakai pegou alguns grãos de feijão, milho e ramas de mandioca, deu aos *Terena* e ensinou a plantar, a fazer arco e flecha, roçar e plantar na época certa do plantio. Por isso os *Terena* são conhecidos com agricultores. Este é o mito conto foi relatado pela Anciã Matriarca do povo *Terena* de Mato Grosso, Catarina Jorge, Mãe do Cacique chefe Milton Jorge Turi Rondon.

1.2 A história de migração do povo *Terena*

Figura 1 – Destaque da área Terena de Mato Grosso do Sul, de onde saiu um grupo e temporariamente permaneceu em Rondonópolis-MT



Fonte: Vargas, 2003 (p. 21)

Aqui vou dizer sobre o processo de migração do povo *Terena* a partir de informações que li em livros e das histórias contadas pelo mais velhos e lideranças das aldeias.

De acordo com a história, o povo *Terena* é originário de *Exiva*, conhecido como Chaco, que fica a maior parte no atual país chamado Paraguai e tem parte no território brasileiro, no

Estado de Mato Grosso do Sul. Falam a língua pertencente ao tronco linguístico *Aruak*, e era conhecida como *Guaná*, na época que os Europeus chegaram no *Êxiva* e teriam entrado no território brasileiro cruzando ao rio Paraguai para as margens orientais no século XVII. (BITTENCOURT & LADEIRA, 2000)

A vida do povo *Terena* foi marcada por muitos acontecimentos que na história oficial brasileira não são lembrados, fatos que tem sido motivo de mudança ou permanência do povo, como vou detalhar abaixo.

No decorrer da história o povo *Terena* passou por muitas mudanças em seu modo de viver, sendo que os diferentes contatos que tiveram, fizeram com que os costumes e hábitos de sua vida tradicional sofressem transformações. O trabalho e as relações com as terras, as construções de suas casas, as vestimentas, os alimentos e muitos outros hábitos do cotidiano foram sendo esquecidos, já que adquiriam hábitos e costumes de outros povos com os quais passaram a conviver juntos.

No entanto, existem características de vida que são mantidas e permanecem nas práticas da vida diária. Na atualidade fazem plantios e praticam sua própria cultura, alguns ainda moram em casa feitas de capim e taquaruçu (árvores da região do Mato Grosso do Sul), já outros não moram em casas tradicionais, moram em casas de alvenaria onde relatam que são mais confortáveis. (Mateus Alcântara, 2015)

Os *Terena* se localizam no Estado Mato Grosso do Sul e em Mato Grosso. A maior parte vive na Terra Indígena Buriti, no Município de Dois Irmãos do Buriti e Município de Sidrolândia, no Estado de Mato Grosso do Sul. Atualmente, são no total de nove aldeias, sendo elas Buriti, Água Azul, Lagoinha, Córrego do Meio, Barreirinho, Oliveira, Recanto, Olho D'Água e Tereré.

Os *Terena* de Mato Grosso do Sul vivem hoje da agricultura, plantando milho, mandioca, batata, banana, feijão, e da roça tiram o seu sustento e comercializam estes produtos na cidade, vendendo na feira de Sidrolândia, por exemplo. Também desenvolvem atividades relacionadas a criação de gado, que são usados para tirar o leite e seus derivados, como doces e queijo para a venda nos mercados da cidade. Outros trabalham na área da educação, saúde e por não ter emprego em atividades na aldeia, alguns jovens, homens e mulheres optaram em trabalhar fora da aldeia, em mercados, em lares como domésticas, e em empresas de cortes e abates de frangos, sendo que estes empregos se localizam aproximadamente a 30 km da aldeia do Buriti. Os empregados desta empresa se revezam em três períodos e são levados de ônibus para o trabalho.

A área territorial da aldeia Buriti é de aproximadamente 2.090 hectares e tem outras em

processo de demarcação, que estão em tramitação na justiça brasileira e possui uma população que já passa de 2.000 índios, segundo dados relatados em dezembro de 2015, por um jovem membro Terena. A aldeia Buriti é onde o Senhor Helio Turi Rondon morava antes de se mudar para Mato Grosso. Foi ele quem liderou o processo de migração de um grupo de *Terena*, de Mato Grosso do Sul para Mato Grosso.

1.3 A migração

Em 1980, o Senhor Hélio Turi Rondon da etnia do povo *Tapirapé*, casou-se com uma jovem *Terena*, a Catarina Jorge, e passou a morar com sua família em Mato Grosso do Sul na aldeia Buriti. Com o passar dos anos, o fluxo populacional estava se expandindo e o espaço de terra para fazer o plantio estava sendo reduzido, assim, a alimentação se tornou escassa e já não tinham o suficiente para comer adequadamente. As matas estavam sendo destruídas e a população continuava crescendo. Não havia mais caça nas matas e nem peixes nos córregos e a situação ficava cada vez mais difícil.

A situação econômica da família fez com que o senhor Hélio deixasse a família na aldeia para ir a busca de trabalho nas fazendas vizinhas, ficando a família na aldeia passando dificuldades com alimentação. O senhor Hélio e sua família não praticavam mais os rituais e crenças de seu povo, porque a maior parte do tempo estava fora da aldeia, e sua mulher tentava fazer o possível para cuidar sozinha de seus filhos, já que o esposo estava trabalhando fora em busca de alimentação para sua família.

Quando retornava para sua aldeia, encontrava os filhos doentes e o atendimento a questões da saúde, na época, era apenas a administração de remédios caseiros retirados da mata. Em situações mais graves, teriam que levar o doente para o Município de Aquidauana, que ficava mais de 60 quilômetros de distância da aldeia.

As dificuldades enfrentadas pela falta de terra e de assistência, aliadas às questões familiares de morte de dois filhos, além de questões graves de saúde que estava atingindo gravemente a aldeia, como crianças com verminose e fome, contribuíram para que o senhor Hélio relembresse com saudade de sua infância na aldeia *Tapirapé*, no Estado de Mato Grosso. Lembra que na sua aldeia nativa tinha muita caça, muito peixe, conforme relata seu filho, Cacique Milton Jorge Turi Rondon. O senhor Hélio, então, tomou a decisão de retornar a sua aldeia de origem, que fica no estado de Mato Grosso.

No ano de 1982, o Senhor Hélio e família, mais 4 famílias, num total de 20 pessoas, partiram em viagem e seguiram ao destino, pois tinha o objetivo de chegar a Santa Terezinha-MT, seu lugar de origem.

Chegando na capital, Cuiabá, ficaram alguns dias em um local conhecido como “Chácara do índio”, onde os doentes indígenas de várias regiões do Estado permaneciam em tratamento de saúde. Mas, os seus planos iniciais tomaram outros rumos, pois a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) articulou a sua moradia na aldeia *Tadarimana* do povo *Bororo*, no Município de Rondonópolis, onde tiveram que permanecer por alguns anos.

Em 1988 o povo *Terena* ainda estava dividindo o mesmo espaço com o povo *Bororo*. Foram anos de amizades entre os membros das comunidades *Terena* e *Bororo* e, em especial, entre os jovens, fazendo com que acontecesse casamentos entre eles e sua população, consequentemente, aumentou.

Prevedendo conflito por questões territoriais, a FUNAI preocupada com o crescimento populacional, junto com os líderes do povo *Bororo* reuniram com os *Terena* para discutir a situação, e possibilidades de deslocamento dos *Terena* para uma Terra específica para eles. Mas, a situação de saída do território *Bororo* para um território *Terena* em Mato Grosso não foi nada fácil.

Conforme ata registrada em 23 de agosto do ano de 1988, ao saírem do território do povo *Bororo*, os *Terena* foram morar em barracos de lona na periferia de Rondonópolis, onde passaram fome. As mulheres foram trabalhar de domésticas, os homens por não ter níveis de escolaridade não conseguiam empregos, e essa situação foi se arrastando até o ano de 1997. Cansados dessa situação, o líder do grupo, Milton Turi Jorge Rondon, filho mais velho do senhor Helio Turi, buscou apoio em alguns segmentos da sociedade, como a Universidade Federal de Mato Grosso, o setor de Direitos Humanos Simeão Bororo, com o antropólogo Professor Paulo Mario Isaac e César Carneiro, os quais motivaram e apoiaram o grupo na reivindicação de um novo território.

Começam, então, as articulações políticas e com lideranças de Mato Grosso do Sul da aldeia Água Azul para somar forças em prol da Terra *Terena* em Mato Grosso, para que as pessoas pudessem morar, plantar e praticarem a sua cultura, buscando se fortalecer cada vez mais como povo *Terena*.

Com o contato que tiveram ao longo das estradas de peregrinação e movimento na busca de um novo território para que pudessem morar e plantar, os *Terena* de Mato Grosso casaram com grupos externos e até com não índios, mas todos eles vivem de acordo com a organização e hegemonia *Terena*.

Recorda o cacique Milton Jorge Turi Rondon que os *Terena*-MT, ao longo de suas jornadas, sofreram muito por causa de sua luta na busca por terra, foram grandes as consequências e correntes de pensamentos e práticas discriminatórias e políticas ideológicas. Senhor Milton lembra que ouviu muitos comentários do tipo: “*por quê que esses índios querem terras*”, diziam a servidores da Fundação Nacional do Índio (Funai).

No dia 23 de janeiro ano de 2003, algumas famílias *Terena* foram transferidas de Rondonópolis para o Município de Peixoto de Azevedo, no Norte do Estado de Mato Grosso para que ocupassem uma área cedida pelo Incra, de 20 hectares, apenas a 4 km do Distrito de União do Norte, e distante 160 km da área *Iriri Novo*. *Iriri Novo* era já a Terra dos *Terena* em Mato Grosso. As mudanças foram feitas de carretas e ônibus cedidos pela Funai e demoraram três dias para chegarem no Distrito União do Norte, aproximadamente 75 km do Município Peixoto de Azevedo.

Depois das famílias terem mudado para o local onde o Incra cedeu a área de 20 hectares, esta área recebeu o nome de *Kopenoty*.

Em 2007 foi demarcada uma área de 52.000 hectares. Parte desta área é a Terra Indígena *Iriri Novo*, que tem 30.600 hectares. O restante da área total ainda está em processo de tramitação na justiça brasileira.

Após conseguirem esse lugar, o grupo de *Terena* foi dividido em mais aldeias: *Turipuku*, *Inamaty* e *Kuxonety*, as quais localizam na Terra Indígena *Iriri Novo* que fica aproximadamente 160 km da aldeia *Kopenoty*, a primeira aldeia dos *Terena* em Mato Grosso.

1.4 Localização da terra indígena em Mato Grosso e população em geral

A Terra Indígena *Iriri Novo* está localizada a aproximadamente 180 quilômetros de distância da Aldeia *Kopenoty*. Nessa área indígena estão as aldeias *Turipuku*, *Inamati* e *Kuxunety*, onde os *Terena* que ali vivem praticam seus costumes, rituais sagrados e cultivam suas plantações de época e buscam também se fortalecerem com suas práticas diárias com seu modo próprio de viver.

Na aldeia *Kopenoty*, onde foi realizada esta pesquisa, a população geral é de aproximadamente 130 pessoas, que mantem viva a identidade do povo e característica *Terena*. Sempre procurando revitalizar a cultura, apesar das mudanças, o povo *Terena* tem buscado fazer com que a comunidade se fortaleça cada vez mais com a história mantida e sofrida por esse povo decorrente de épocas atrás.

1.5 Língua Terena

O povo *Terena* que vive em Mato Grosso tem sua língua própria materna, a Língua Terena e os mais velhos da comunidade falam constantemente em suas casas ou com pessoas que ainda compreendem a língua materna. As crianças e os jovens da aldeia não têm o hábito de falar, mas entendem a língua Terena. Os *Terena* adotam como língua diária o português e praticam seus rituais e danças sem interferência da língua portuguesa.

Os conflitos em defesa de suas terras, as relações interétnicas e o fluxo populacional acabou influenciando o não falar mais a língua materna, mas o que temos ainda são nossos anciãos e nossas histórias, a sabedoria e o entendimento dos nossos velhos. Em função do contato com outras culturas os *Terena* sofreram muito com as mudanças e sobrevivência no lugar que não era de sua origem. Com todo esse choque cultural temos anciões da comunidade *Kopenoty* em Mato Grosso que são falantes da língua materna e ensinam os professores, as crianças e jovens a língua materna, os valores e significados de uma educação *Terena*.

Com toda essa luta de protesto pela terra, buscando um lugar para que pudessem morar e manter sua cultura sempre viva, ainda assim prevalece a força dos anciões que valorizam a cultura tradicional. Assim, é bom lembrar que *“A língua e nossos valores não são somente uma língua, ela está dentro de cada criança que nasce até que fique velho é o que os anciões nos ensinam, que o valor maior não é o valor do ouro e prata mais os valores que a nossa cultura nos ensinam.”*, conforme lembra Milton Jorge Turi Rondon, Cacique Chefe das quatro aldeias *Terena* de Mato Grosso, ao falar sempre em reunião de professores e lideranças.

1.6 Modo de sobrevivência

Conforme a história *Terena* conhecida como tempos Antigos, haviam muitos animais nas matas e peixes nos rios localizados na região do Mato Grosso do Sul, mas com o passar do tempo, aconteceu a mudança de seu lugar de origem e passaram a viver no estado de Mato Grosso. Mesmo com todo o processo de adaptação, a prática de caça, pesca e confecção de artesanato prevaleceram para os *Terena*, mas não como antigamente, por não ser o seu lugar de origem. No entanto, se reorganizam constantemente para que o povo permaneça com os mesmos costumes.

Segundo relato de Cacique Chefe, Milton Jorge Turi Rondon, sobre a mudança dos modos de sobrevivência. *“Por não se o nosso lugar de origem tivemos que adaptar a essa novas*

mudanças, as sementes, as ervas medicinais são diferentes e o lugar específico onde o curandeiros pudessem fazer seus trabalhos não tinham, tivemos que fazer um local específico para poder dar continuidades as nossas pajelança, mas são usado e da natureza materiais que os Terena utilizam na confecção de artesanato como a palha do buriti, que fazem o cesto e saia masculina para dança e as ervas que os Terena trouxeram algumas mudas e plantaram, outras passaram a conhecer devido o convívio com outras etnia como Kayapó, Panará e Trumai.”

A anciã Terena, Senhora Brasiliana Clementino, também afirma *que nos rios há peixes e animais que os Terena usam como alimento na área indígena Iriri Novo. Tem muito mesmo, até as crianças vê anta andando aí em nosso terreiro”* (outubro de 2015).

A fonte de sobrevivência que ainda permanece viva é a agricultura, entretanto, a maioria dos membros da comunidade trabalha na educação e na saúde, sendo todos remunerados pelo seu trabalho. Mas fazem o plantio na terra indígena do *Iriri Novo* e quando é época de plantio a comunidade faz suas plantações. A agricultura é uma das atividades econômicas praticadas pelo povo *Terena* de Mato Grosso, que cultivam banana, melancia, abóbora, feijão, abacaxi, mandioca, milho, quiabo, batata e alguns cultivam sua própria horta, tendo rúcula, almeirão salsinha e alface.

1.7 Práticas tradicionais

Mesmo com a mudança de território, os *Terena* do Estado de Mato Grosso continuam realizando muito de suas práticas tradicionais. Assim, mantém viva as danças, cantos e alguns modos de alimentação, conforme vou explicar abaixo.

1.7.1 *Sîputrema* ou *Putu-putu*

A dança feminina *Terena* conhecida como *Sîputrema* ou *Putu-putu*, é dançada pelas mulheres e crianças. É uma dança que é praticada quando se decide homenagear e lembrar dos antigos guerreiros. A dança é feita de pares, uma do lado da outra, sempre acompanhando o toque do tocador com pife e do som do tambor, que são instrumentos musicais. Estes instrumentos são tocados em ocasiões de festas para diferentes objetivos, tanto de comemoração e de protesto, como em ocasião em que são lembrados nossos antigos guerreiros que não se encontram mais conosco e em momento de questões indígenas e nesse mesmo pedimos que os

deuses nos proteja a nossa aldeia.

Figura 2 – Dança feminina Sîputrema ou Putu-putu



Fonte: Rosenildo Pereira, 2016

As danças são realizadas nas festas na comunidade e da escola, quando fazemos comemorações, eventos e reuniões referentes a nossa aldeia. Fazemos apresentações de dança, onde a comunidade vem sendo envolvida numa só interação, utilizando a pintura corporal que é indispensável nas danças e festas, que por trás dela tem um significado muito forte para o povo. A comunidade festeja a Semana Intercultural, no mês de abril de todos os anos, quando são feitas as pinturas corporais das mulheres crianças, jovens e homens. As cores das pinturas são resultadas de preparação de material extraído da fruta do jenipapo, que é de cor preta, e o urucum de cor vermelha. Os colares são feitos de sementes e de dentes de animais, e são usados em dias festivos.

A escola, em parceria com a comunidade, promove o evento intercultural que abrange a nossa cultura *Terena* e aldeias vizinhas comparecem para festejar conosco. A esse respeito a Anciã Brasileira Clementino da aldeia *Kuxunety* disse: “ Isso é uma alegria pra nós, eu gosto de ver o nossos parentes dançar brincar aqui com nós”.

Figura 3 – Dança masculina, kipaé



Fonte: Misma Turi Rondon, 2016

1.7.2 Dança *Kipaé*

A dança masculina *Terena* é conhecida como a dança do bate-pau (*Kipaé*), que é o passo da ema. Nesta dança as vestimentas são saias de palha buriti e o dançarino segura um pedaço de taboca de bambu pequeno nas mãos. Ficam em duas filas, uma ao lado da outra, para fazer a dança. Quando os tocadores de flauta (pife) e de tambores tocam, no terceiro toque o cacique da dança faz o sinal (um grito) e as duas filas saem no ritmo do toque da dança do bate-pau. Em seu tempo, batem as taquaras umas nas outras, fazendo então som no mesmo instante. A dança possui 07 peças que são os pedaços de taboca.

1.7.3 Rituais espirituais

Os rituais são feitos em cerimônias especiais que somente membros da comunidade assistem ou em momento que o pajé celebra e evoca seus espíritos. Os trabalhos e os rituais, como o dos *koixumunety*, os curandeiros ou pajé da aldeia invocam em locais sagrados no mato ou numa casa feita por eles mesmos. Os rituais feitos são a qualquer momento e depende do que se trata. No caso de doença, os curandeiros buscam os remédios na mata e fazem para a pessoa tomar ou passa no local que está doente. Em outros casos, vão até a mata para fazer sua prece e ritual. Às 04 horas da manhã os curandeiros entoam seu canto na língua materna. Os

cantos dos pajés são cantados na língua terena e também na língua materna são feitos os cantos e as preces.

Antigamente havia muitos e grandes pajés (*koixomoneti*), porém, no decorrer dos tempos a grande parte deles já não existem mais. Os *Terena* sempre mantiveram respeito por eles e, apesar de terem poucos pajés, atualmente eles são muito respeitados. Os rituais sagrados são feitos em lugar específico, na mata ou numa tenda feita por eles mesmos. Em matas é feito para buscar uma direção ou até mesmo proteger o povo de doenças ou espírito mal.

Figura 4 – Pajés Terena em cerimônia cultural



Fonte: Rosenildo Pereira Terena, 2016

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO TRADICIONAL TERENA

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura. (Referencial Curricular para Educação Infantil, p. 21)

Figura 5 – Menina Terena em momento de aprendizagem em atividades do dia a dia



Fonte: Rosenildo Terena, 2015

Sobre a criança Terena, a sua infância está aos cuidados da sua mãe e do pai, no decorrer do seu crescimento ela brinca, tem suas curiosidades e muitas vezes imita os afazeres dos mais velhos e cuida dos seus irmãozinhos.

No dia a dia da criança, ela acompanha os pais na prática de sua cultura. Aprende brincando a pescar, a ajudar os pais em alguns afazeres mais leves. Desde muito cedo os pais ensinam as crianças a nadar, a tomar banho sozinho, a se vestir com a roupa, a lavar o chinelo, a ajudar a mãe a buscar alimento na roça como: milho, mandioca e batata. Neste sentido, Meliá (1979, apud LINO, 2006, p. 31), afirma que “[...] sabe-se que a criança aprende brincando. A originalidade aqui é que o índio, desde pequeno aprende a trabalhar. Seu brinquedo é conforme o sexo, o instrumento de trabalho do pai ou da mãe”.

Figura 6 – Criança Terena aprendendo com a atividade de pesca



Fonte: Rosenildo Pereira, 2016

Desta maneira as nossas crianças indígenas Terena brincam e no mesmo instante que brincam estão aprendendo os costumes praticados em nossa comunidade.

A mãe vai mostrando como se faz uma determinada ação e a menina vai repetindo. A menina tenta fazer até acertar. A menina acompanha a mãe nas tarefas de casa e em todas as atividades, como a fazer a comida, a cuidar da casa, a cuidar da roupa, a cuidar de irmãozinhos, a fazer os artesanatos, etc.

O menino também aprende pela observação e pela repetição das ações ensinadas pelos adultos. O menino acompanha o pai na roça, a fazer os instrumentos de trabalho, acompanha o pai nas atividades culturais, como cantos, danças, e também acompanha o pai nos jogos diversos. Em geral o menino se veste igual ao pai, principalmente nas atividades culturais.

Figura 7 – Menino Terena vestido e pintado para atividade cultural



Fonte: Misma Turi Rondon, 2016

As nossas manifestações culturais ganham espaços na Semana Intercultural, realizada no mês de abril, quando as crianças participam das atividades, assim, elas estão em processo de experiência e vivência das práticas tradicionais da cultura Terena.

Os meninos quase não têm o hábito de sair de casa, e fazem suas práticas culturais, mas também adotam os hábitos dos não índio, como jogar *vídeo game*, usar jogos de celulares e *tablet* e uso frequente da internet. Tais costumes antigamente eram raros, mas hoje vemos estas práticas com frequência.

Observar a criança Terena hoje e compará-la com o passado nos possibilita ver as mudanças que ocorreram e seu modo de viver na aldeia. Apesar de sentirem as mudanças

ocorridas no processo educativo, pode-se notar, principalmente pela influência da mídia, nesta fase a criança ainda deve obediência aos pais e mantém suas atitudes de respeito aos mais velhos, mesmo com toda essa influência tecnológica.

Figura 8 – Dança masculina



Fonte: Misma Turi Rondon, 2016

CAPÍTULO III - OS TERENA DE MATO GROSSO E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Neste capítulo trataremos da alfabetização do Povo Terena de Mato Grosso, onde proponho uma reflexão sobre a educação tradicional do nosso povo e a educação escolar, partindo da história da escola em nossa nova Terra e os desafios enfrentados para efetivação e reconhecimento da escola.

3.1 Um pouco da história

A alfabetização na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, começou a acontecer ainda no ano de 2004, na aldeia *Kopenoty*. Naquela época a professora alfabetizadora não tinha formação específica, ela ainda era estudante da 7ª série. Nesta época o povo Terena, no Estado de Mato Grosso, estava no processo de adaptação ao lugar, e foram muitos anos de luta em prol da terra onde pudessem viver e fortalecer sua cultura. Com todos os protestos e reivindicações pela posse da terra, o governo autorizou um lugar para morar, e com essa conquista e com o lugar já garantido e demarcado pelo governo, foi possível construir a Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena” criada em 18 de fevereiro de 2004, pelo Decreto de criação nº 2587/2004. Esta escola atende em 2016 cerca de 141 alunos, seguindo basicamente a proposta do sistema do Estado destinado para Educação do Campo e Indígena, segundo o Sistema Estadual de Educação. Atualmente mantém 20 funcionários e professores, sendo todos indígenas e moradores da aldeia *Kopenoty*.

Os alunos, antes da construção da escola, começaram a estudar em local não apropriado, pois era uma casa de tábua e coberta de capim. A professora foi escolhida pela comunidade na época, que a nomeou para lecionar, mas ela tinha só a sétima série. O local onde a professora dava aulas não tinha estrutura física adequada, fazendo com que o seu trabalho ficasse mais difícil.

3.2 O processo de alfabetização na atualidade

Atualmente a alfabetização é um desafio para os alfabetizadores da aldeia *Kopenoty*. É sabido que o nosso povo *Terena* vem, a algum tempo, tentando fortalecer sua cultura, buscando,

em termos de educação escolar, quais os métodos mais adequados para alfabetizar e, ao mesmo tempo, revitalizar e valorizar a identidade do povo tendo, porém, em sua prática a educação diferenciada tradicional, e, ao mesmo tempo, educação formal, conforme orienta o sistema nacional de ensino.

Em sala de aula, a professora também aproveita histórias e valorização das riquezas da oralidade dos *Terena*, optando por trabalhar com os contos e mitos da cultura do povo para que futuramente possam contar e relembrar os queridos anciões.

Toda e qualquer atividade que se refere aos conteúdos formais, são aproveitados para estabelecer relação com a cultura tradicional Terena. Assim, a pintura corporal também é aproveitada nas atividades escolares.

Figura 9 – Professora fazendo a pintura feminina como atividade escolar

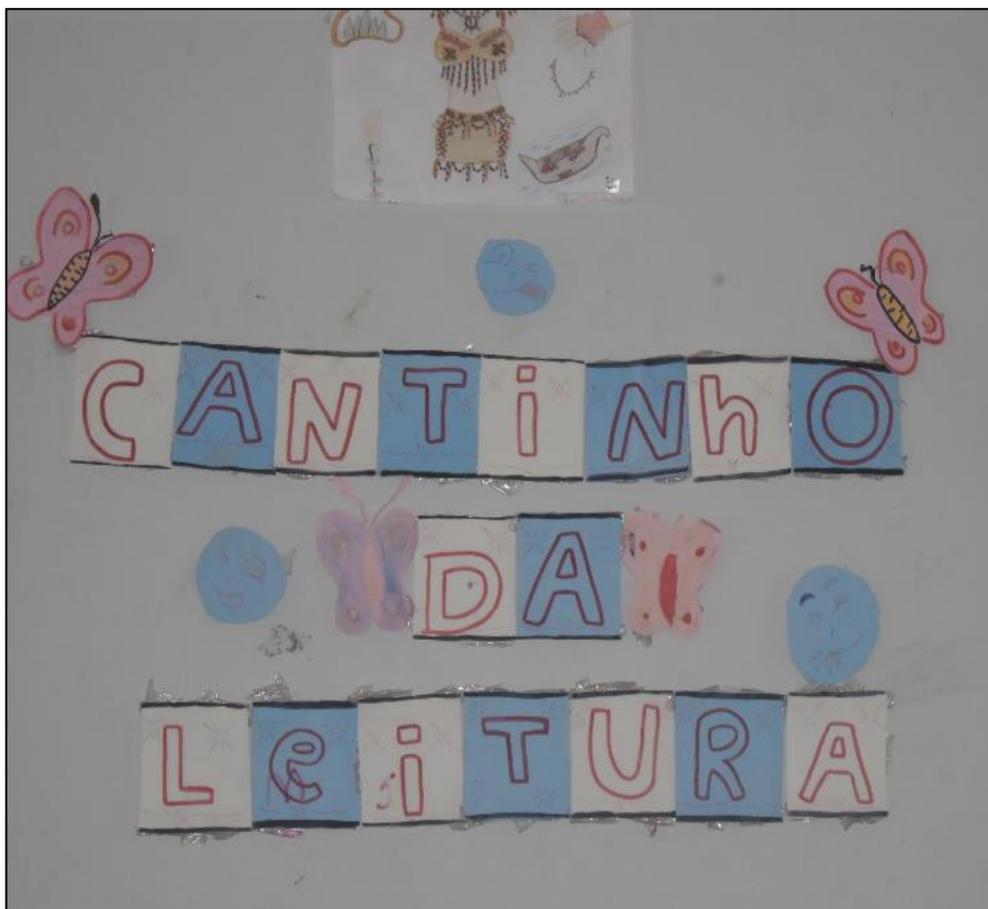


Fonte: Misma Turi Rondon, 2016

Várias são as atividades e recursos usados pelos professores *Terena* para a alfabetização na escola na aldeia *Kopenoty*. Entre eles, se faz, em especial, o cantinho da leitura.

A organização do cantinho da leitura contou com a participação dos próprios alunos, que desenharam as letras e colocaram no cartaz afixado na parede.

Figura 10 – Cantinho da leitura



Fonte: Misma Turi Rondon, 2015

A alfabetização busca levar os alunos a conhecer o mundo encantado das letras das histórias que eles ainda não conhecem. Sabe-se que quando a criança inicia a fase da alfabetização são necessários muitos estímulos para a leitura.

Na aprendizagem, quando se inicia a fase escolar, tudo que a criança aprende é novidade para ela, ou seja, tudo que passam a conhecer durante essa fase de aprendizagem é coisa nova. O mediador da aprendizagem, que é o professor alfabetizador, é desafiado a todo momento e deve sempre buscar novidades e métodos atrativos para obter resultado positivo no avanço dos alunos.

Ao compreender os significados do que está sendo apresentado a ela, é o momento que a criança está em contato com o mundo letrado e dos conhecimentos escolar. Mas, para esse avanço, o docente deve possibilitar ludicidade antes mesmo de impulsionar ao conhecimento sobre o mundo fora do seu conhecimento empírico.

No processo de alfabetização é válido lembrar que é um momento marcante para os alunos, por isso é importante destacar e valorizar tudo o que o aluno produz, e é nesse momento de aprendizagem que eles começam a desenvolver o seu processo cognitivo em relação ao conhecimento escolar.

Figura 11 – Atividade de Ciências mostrando a estrutura da árvore



Fonte: Misma Turi Rondon, 2016

Os professores alfabetizadores serão lembrados da trajetória escolar na vida das crianças, por isso que devemos ter muita cautela no ensino e aprendizagem dos alunos nesta fase de escolarização. E a escola tem o papel de ter essa relação com a família, com a valorização da escola, da sociedade e da identidade cultural.

A ludicidade deve fazer parte do cotidiano da professora na relação com seus alunos. Assim, deve promover com as crianças passeios, danças e brincadeiras, que são momentos que as crianças mais gostam, e para eles é o momento de enriquecimento e de conhecimento aos

ensinamentos tradicionais. E dentro da sala, auxiliam revitalizando os aspectos culturais na escola indígena da aldeia *Kopenoty* no Estado de Mato Grosso.

Figura 12 – Alunos da Escola em atividade lúdica na escola



Fonte: Misma Turi Rondon, 2016

A educação, hoje, visa possibilitar a construção de métodos inovadores que produzam a concretização de uma escola específica e diferenciada, seguindo as perspectivas do povo e dos professores *Terena* do Estado de Mato Grosso e fazer valer a escola diferenciada que não fica só no papel, mas devemos, como professores, estabelecer meios para fazermos valer o que é garantido de direito a uma escola específica e diferenciada aos povos indígenas.

Nossos aspectos culturais é a forma de luta e resistência do povo em prol da valorização de sua identidade cultural, que através de práticas pedagógicas da professora de alfabetização e o ensino da família fortalecem e forma um elo de ligação fazendo uma ponte de conhecimento, de forma que os alunos da Escola Indígena Elio Turi Rondon Terena experimentem uma realidade específica e diferenciada na rotina escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este foi um trabalho que me deu muita satisfação, uma vez que possibilitou a reflexão e a curiosidade de conhecer mais sobre a alfabetização das crianças e jovens do meu povo. Foi interessante saber que os pais e professores da comunidade se preocupam com os seus filhos nas práticas tradicionais e educação escolar. Foi marcante também, a recepção com que todos me deram quando disse qual era o meu propósito: o processo de alfabetização do povo *Terena* de Mato Grosso.

Foi de grande importância mostrar o trabalho dos professores da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”. A reflexão nos favoreceu compreender a ligação positiva entre a escola e comunidade.

Hoje, a maior contribuição que posso oferecer a minha comunidade indígena *Terena* da aldeia *Kopenoty* é fazer uma ponte entre família e escola, um elo significativo para o desenvolvimento do povo.

REFÊRENCIAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**5. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RCNEI. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. MEC. Brasília 1998.